

V Á R I A

MAIS VARIANTES INÉDITAS DE MOEDAS PORTUGUESAS DA 4.^a DINASTIA

Comunicação apresentada à S. P. N. em sessão de 26-IV-55.

Um relativamente pequeno espaço de tempo decorrido desde a data em que aqui vim assinalar as últimas variantes inéditas das moedas da quarta Dinastia e já estou de novo a fazer acréscimos à lista.

É certo que o ritmo dos *aparecimentos* se vai tornando cada vez mais lento, mas mesmo assim tem-se a impressão de que o manancial há-de manter apreciável fluência por muito tempo mais.

Para certos coleccionadores estas *descobertas* parece constituirem motivo de aborrecimento porque são, regra geral, peças difíceis de conseguir e, consequentemente, representam aumento do número de faltas na colecção. Para os felizes possuidores das *raridades* o caso situa-se, como é óbvio, exactamente ao invés. Mas não há dúvida de que estas *novidades*, surgindo ao acaso, aqui e ali, hoje e amanhã, contribuem poderosamente para o mais perfeito conhecimento da nossa história monetária e, por consequência, para o progresso e adiantamento da numismática. Sejam, pois, bem-vindas.

No prosseguimento do método adoptado, continuam a ser apenas consideradas as variantes do teor das que se mencionam no Catálogo Ferraro Vaz. Querendo descer a maiores particularidades teríamos material em muito maiores proporções, mas desviar-nos-famos do caminho previamente traçado.

Por mim sou de opinião que a investigação numismática tem de ser levada até aos mais pequenos detalhes, e que o não tem sido já porque a numária portuguesa é extensa, variada e difícil, e os estudiosos — que têm sido relativamente poucos — têm ocupado o seu tempo a desbravar a matéria, por assim dizer, nada lhes sobejando para tratar os temas de somenos importância. Mas lá virá seu tempo — e creio que não demorará muito — em que novos coleccionadores, estudiosos e investigadores entrem mais afincadamente nos assuntos,

especializando-os e esclarecendo-os até às mais pequenas minúcias dignas de ser consideradas.

No conjunto, hoje apresentado, de variantes das moedas da quarta Dinastia que ainda não figuram no Catálogo Ferraro Vaz nem nas suas adendas, publicadas em «A Moeda» e em «NVMMVS», figura um grupo de moedas de ouro de marcada importância numismática, e um outro de moedas de prata que, não tendo valor igual ao daquele, nem por isso deixa de ter interesse que justifique a sua apresentação.

Quase todas as moedas possuem suas particularidades que valerá a pena focar isoladamente, pelo que irão ser tratadas cada uma de per si. E assim teremos:

MOEDAS DE OURO

D. PEDRO II

- 1 — 2.200 réis, pelo encordoado e marca «esfera coroada» apostos em 2.200 réis de D. Pedro Príncipe, de 1671.

Um exemplar na col. Pinto de Magalhães

Esta moeda corresponde a duas omissões do Catálogo: como simples data, 1671, na numária de D. Pedro Príncipe; e como data 1671, com contramarca, na de D. Pedro II.

D. MARIA I e PEDRO III

- 2 — *Escudo*, de Lisboa, com data 1785

Um exemplar na col. Pinto de Magalhães

Mesmo que — como já alguém afirmou — esta data fosse a que no Catálogo Ferraro Vaz vem indicada em último lugar da série Maria I e Pedro III, com omissão do último algarismo por erro tipográfico, nem mesmo assim deixaria de ter interesse o trazer aqui o conhecimento exacto da sua existência. Mas não é tal. Existe também o escudo com data incompleta 178. Se essa omissão fosse simples erro tipográfico, por certo que não escaparia à cuidada revisão feita pelo autor do livro e havia de vir anotada na respectiva corrigenda.

D. MARIA II

- 3 — *Meia coroa* (2.500 réis), de 1836 (sem serrilha)

Um exemplar na col. Pinto de Magalhães
(ex-colecção do Rei Faruk)

Possivelmente trata-se de uma prova de cunho de W. Wyon, mas tem lugar no Catálogo, a fazer companhia à sua irmã gémea, coroa (5.000 réis).

D. LUÍS I

4 — *Coroa* (10.000 réis), de 1888Um exemplar na col. do Rei Faruk
» » » » Pinto de Magalhães

Há já uns anos que era do meu conhecimento a existência desta data, não a manifestando por não ter um decalque ou outro qualquer elemento de comprovação. Últimamente apareceu mencionado um exemplar no Catálogo Sotheby & C.º da venda da colecção Faruk, e, poucos dias depois, foi adquirido ao balcão da casa comercial Pinto de Magalhães o exemplar que hoje figura na sua colecção.

MOEDAS DE PRATA

D. JOÃO IV

5 — *Quatro vinténs*, com erro (90) na indicação do valor (LXXXX)

Um exemplar na minha colecção

Esta moeda sai talvez do âmbito em que se tem mantido a apresentação destas achegas, por representar uma variante que o é apenas pelo erro de gravação do valor. Não obstante, julgo que não fica aqui deslocada, quando mais não seja pela razão de ser semelhante a outra que o grande Mestre Teixeira de Aragão achou merecedora de figurar nas moedas tipo do seu catálogo (n.º 30).

O exemplar apresentado tem para mim um interesse muito particular, conferido pelo facto de ter sido oferta de um amigo que, sem qualquer solicitação da minha parte e só por imaginar o gosto que eu viria a ter em o possuir, obstinadamente se recusou a vendê-lo a um pretendente.

Por feliz coincidência, poucos dias depois, apareceram os exemplares que a seguir se mencionam, do mesmo tipo, o que de certo modo vem confirmar que o cunho errado passou despercebido na época, a ponto de ter podido produzir vários espécimes.

D. AFONSO VI

6 — *Tostão*, pela contramarca 100 (1.º tipo) sobre LXXXX (errado) de D. João IV.Um exemplar na col. Pinto de Magalhães
» » » minha colecção7 — *Tostão*, pela contramarca 100 (2.º tipo) sobre LXXXX (errado) de D. João IVUm exemplar na col. Pinto de Magalhães
» » » minha colecção

8 — *Tostão*, pela contramarca 100 (2.º tipo) sobre «quatro vinténs» do mesmo monarca (A6.25)

Um exemplar na col. Pinto de Magalhães

Por último, e como fecho desta série argêntea de contramarcas, citarei mais uma que apenas conheço pelo decalque que me foi enviado pelo seu possuidor e que juntarei ao conjunto que é costume fazer figurar no fim das comunicações desta natureza.

9 — *Tostão*, pela contramarca 100 (2.º tipo) sobre «quatro vinténs» do mesmo monarca (A6.26)

Deve tratar-se de uma moeda de excepção, que passou despercebida na operação de contramarcagem, porquanto esta e a cunhagem primitiva são da mesma lei (22-III-1663). A sua autenticidade não parece sofrer dúvida, visto que o exemplar surgiu dum conjunto de 250 moedas de prata deste período, há pouco tempo achado na região de Lamego, e do qual espero que um dia se obtenha notícia mais desenvolvida.

Do mesmo achado faziam também parte as quatro moedas indicadas com os números 6 e 7 desta relação.

E chegamos ao fim.

Mantemos a esperança de que havemos ainda de voltar a este assunto mais cedo ou mais tarde. Poderia ser em breve, se não existisse um certo receio ou má vontade por parte de alguns coleccionadores em fazer pública confissão de raridades possuídas nos seus numofiláceos. Deve haver ainda muita coisa no escuro...

MÁRIO RAMIRES

CURIOSIDADE NUMISMÁTICA

Todas as moedas de cobre do reinado de D. João V, cunhadas para correrem em Portugal, são muito comuns, afirma o ilustre numismata que foi Teixeira de Aragão e a cuja memória presto aqui a minha respeitosa homenagem. Na verdade assim é.

No entanto e relativamente à última cunhagem de cobre feita naquele reinado para Portugal Continental, isto é, a cunhagem realizada posteriormente a 1724, surgiu-me um exemplar, que conservo na minha colecção, para mim absolutamente inédito pois lhe não vi fazer qualquer referência ou alusão, nem, apesar dos centos de tais moedas que me têm passado pelas mãos e que tenho

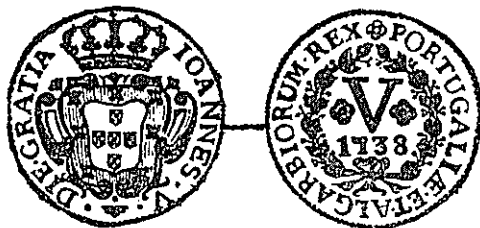
cuidadosamente examinado, encontrei outro igual.

Quero referir-me à moeda de 5 reis de D. João V, cunhada em 1738, cuja descrição é a seguinte:

Av. — IOANNES . V . . . DIE . GRATIA — Armas do reino ornamentadas.

Rv. — PORTUGALIAE . ET . ALGARBIORUM . REX; no meio de uma coroa de louros e entre 2 florões um V indicando o valor e em baixo a data 1738.

O aspecto, módulo e peso deste numisma é sensivelmente igual ao das outras moedas do mesmo valor cunhadas na mesma época e sobretudo quanto aos anos 1737 e 1738.



Do ano 1738 tenho eu um outro exemplar cuja legenda é igual à já referida com a única diferença de que traz escrita a palavra DEI e não DIE como legal determinante daquela substituição (1).

Que existe um erro no emprego de DIE por DEI é fora de dúvida e talvez por isso, descoberto aquele erro, teriam sido as moedas, assim cunhadas, retiradas da circulação, não a tempo de que alguma, como a que possuo, tivesse escapado à recolha que pudesse ter sido legalmente ordenada. Não vi nem encontro qualquer referência ao facto, apesar de, diligentemente, ter procurado a legal determinante daquela substituição.

E porque se mantém a tal respeito o meu desconhecimento, apesar das diligências por mim realizadas e dos centos de exemplares do mesmo valor e data por mim examinados, não encontrando numisma igual, tomei a resolução de dar deste facto conhecimento à Ilustre Direcção da Sociedade Portuguesa de Numismática para que ela ou algum dos numismatas que, por intermédio de NVMMVS, venham a tomar conhecimento desta curiosidade e, com mais sorte e mais saber do que eu, possam explicar a existência deste numisma.

RAUL SOARES DUQUE

(1) N. R. — A gravura foi obtida dum decalque recoberto à pena.

COMISSÃO DE NUMISMÁTICA E SIGILOGRAFIA
DA
ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES
EXTRACTOS DAS SESSÕES

DE 14 DE DEZEMBRO DE 1954

A Comissão reuniu-se sob a presidência do sr. Eng.º Raul da Costa Couvreur, secretariado pelo sr. Major Ismael Joaquim Spínola, e, antes de se entrar na ordem anunciada dos trabalhos, o sr. Presidente referiu ter lido uma notícia, publicada nos jornais, segundo a qual havia sido encontrado em Évora um real de D. Afonso V, em cobre, tendo, numa das faces, um castelo com três torres, e, na outra, as Armas de Portugal, mas só com dois castelos, o que lhe daria o valor de moeda única no seu género, considerando-a o articulista como moeda rara, e chamando-lhe real de D. Afonso V.

Ora, como o sr. Presidente não tem notícia de se terem batido reais em cobre, no tempo de D. Afonso V, deve tratar-se, mais pròpriamente, de um simples ceutil.

Quanto às Armas de Portugal só com dois castelos, deve tratar-se de dois castelos que ficaram aparentes, numa moeda em que os restantes não tenham relêvo, ou por se acharem gastos, ou por defeito de cunhagem.

Pediui logo depois a palavra o sr. Major Spínola, que corroborou as afirmações do sr. Presidente e esclareceu ter recebido do sr. Capitão Manuel Ventura, de Évora, a quem escrevera, uma notícia e uma carta que esclarecem definitivamente o assunto:

A notícia, é um recorte do «Notícias de Évora», de 4 de Dezembro de 1954, intitula-se «Uma moeda rara de D. Afonso V», e refere ter sido adquirida por determinada pessoa uma moeda de D. Afonso V, um Real em cobre, desconhecida nos tratados da especialidade».

Por sua vez, e quanto à carta, nela esclarece o sr. Capitão Manuel Ventura que «a moeda é um ceutil de D. Afonso V, ressaltada, de tamanho maior que o vulgar», ou seja, com cerca de 26 mm. de diâmetro.

Elucidada por esta forma a Comissão, e entrando na ordem anunciada dos trabalhos, proferiu o sr. Dr. Rocha Souto uma Comunicação, intitulada «A Exposição sobre Figuras e Panoramas da Medicina de Outros Tempos, no Hospital de S. José, — e a primeira medalha de homenagem a Sousa Martins». (1)

Usaram seguidamente da palavra, o sr. Major Ismael Joaquim Spínola, que propôs a repetição desta conferência em Assembleia Geral da Associação dos Arqueólogos Portugueses, o sr. Dr. Rego Fronteira, e o sr. Presidente, que considerou aprovada a sugestão do sr. Major Ismael Joaquim Spínola.

DE 1 DE FEVEREIRO DE 1955

Nesta Sessão, que foi presidida pelo sr. Eng.º Raul da Costa Couvreur, e secretariada pelo sr. Major Ismael Joaquim Spínola, proferiu este uma Comunicação, intitulada «Escla-

(1) *Será publicada no próximo número de NVMMVS.*

recimentos que o achado de Monfortinho pode trazer ao estudo das mealhas», mostrando como certas moedas apareceram em Monfortinho completamente dobradas pelo meio, e outras fragmentadas, com aparência de o terem sido intencionalmente, para fraccionamento em partes de menor valor, conforme refere igualmente Fernão Lopes na Crónica de D. Fernando.

A terminar, o sr. Major Spínola fez notar a grande conveniência de, no futuro, se recolherem nos achados todos os fragmentos de moedas antigas, para a determinação da frequência e da intencionalidade do fraccionamento material das moedas nos pagamentos.

Acerca do trabalho do sr. Major Spínola, usou em primeiro lugar da palavra o sr. Presidente, que cumprimentou o conferente, e apreciou o grande mérito e interesse da Comunicação apresentada, pondo mesmo a hipótese de as moedas portuguesas exibidas pelo sr. Major Spínola serem, pelo seu pequeno tamanho, não espadins, mas os meios-espadins de que falou Aragão e que afinal se não conhecem ainda.

Por outro lado, disse o sr. Major Spínola, citando Lopes Fernandes a págs. 121, que as medalhas teriam corrido como moeda até ao reinado de D. Manuel I, pelo que seria curioso destrinçar efectivamente até que reinado elas teriam de facto circulado.

No entanto, dado que o trabalho do sr. Major se prende com aspectos actualmente em estudo pelo sr. Eng.º Ferraro Vaz, que está preparando uma nova obra acerca das moedas da primeira dinastia — entende o sr. Presidente que o sr. Eng.º Ferraro Vaz é a pessoa mais indicada para se pronunciar acerca da Comunicação apresentada pelo sr. Major Spínola.

Usando por sua vez da palavra, o sr. Eng.º Ferraro Vaz considerou deveras valioso o trabalho apresentado, que passou a comentar em pormenor.

A propósito da divisão material das moedas apontadas pelo sr. Major Spínola, o sr. Eng.º Ferraro Vaz declarou entender que nem todas as «metades» de moedas se poderão designar como «mealhas».

E, assim, quanto às «metades» em geral, pode apontar o caso de um achado de Atalaião, em que apareceram quase 4.000 moedas, de D. Sancho II, e de D. Afonso III, e em que havia dinheiros quase novos quando foram escondidos no referido tesouro. no referido tesouro.

Quer dizer: essas moedas teriam sido escondidas quando algumas delas estavam quase novas. As de D. Afonso III, por exemplo, estavam num recipiente de barro separadas das outras, e eram moedas verdadeiramente à flor do cunho, que fazem supor terem saído da oficina monetária pouco antes de escondidas.

E juntamente com as mais antigas, que eram as de D. Sancho II, é que havia metades de moedas, e outras moedas já coçadas pelo seu uso em circulação.

Apareceram, portanto, neste achado, verdadeiras «metades» de dinheiros, o que confirma a tese do sr. Major Spínola, e a afirmação de Fernão Lopes, feita na crónica de D. Fernando e para o seu tempo, de que era costume fraccionar materialmente as moedas, com os dentes, ou com uma tesoura, para a realização dos pagamentos.

É que uma verdadeira «mealha» ficaria mais cara, pelo feitiço ou amoedação, do que uma metade de moeda, o que explicaria esta prática do fraccionamento material dos dinheiros.

Encontraram-se, portanto, metades de moedas entre as que estavam no recipiente em que apareceram as de D. Sancho II, o que leva à conclusão de que, pelo menos desde este monarca, já havia a prática do fraccionamento dos dinheiros.

Tudo isto, em suma, vem dar nova força e valor à tese do sr. Major Spínola de que as moedas eram fraccionadas correntemente para os pagamentos.

Quanto ao fraccionamento dos espadins, porém, — porque como espadins considera as moedas apresentadas (Teixeira de Aragão aponta um exemplar de meio-espadim, e o sr. Eng.º tem mesmo a impressão de que já viu um segundo exemplar da mesma moeda, pelo que, e à primeira vista, pelo menos, as do sr. Major lhe parecem espadins) — entende serem poucos os elementos de que actualmente dispomos, para que com eles se possa estabelecer uma teoria ou afirmação genérica.

No entanto, considera o estudo do sr. Major Spínola como um elemento valiosíssimo, que deverá chamar a atenção dos estudiosos para o problema do fraccionamento dos espadins, a fim de que, no futuro, se verifique, a confirmação ou a negação da teoria apresentada.

Quanto a outro aspecto da Comunicação do sr. Major Spínola, que é o que se refere às moedas árabes, notará que é de facto caso assente o juntar-se-lhes peso, por meio de filamentos de metal nobre, enfiados num orifício da moeda, por exemplo quanto aos diremes de prata.

Quanto aos pedaços apresentados pelo sr. Major Spínola, porém, entende que, relativamente a bocados tão pequenos, será difícil pensar que fossem cortados ou fragmentados para completarem quantidades, visto que, para tanto, não só essas quantidades seriam deveras insignificantes, como exigiriam, necessariamente, balanças e pesos delicados, o que é difícil conceber que acontecesse na vida de todos os dias.

Usou então novamente da palavra o sr. Presidente, que afirmou não lhe repugnar a suposição do sr. Major Spínola de que se tivessem cortado intencionalmente as moedas de de ouro que apresentou, cujos mínimos fragmentos sempre tiveram valor intrínseco apreciável.

Com efeito, sempre se pesaram as moedas de ouro, e são os próprios clássicos que o confirmam. E em possessões francesas, por exemplo, tem notícia de que se pesava a moeda de ouro, nos pagamentos, e de que, para esse efeito, se chegaram a usar moedas do nosso ouro, nos pagamentos, e de que, para esse efeito, se chegaram a usar moedas do nosso Rei D. José I, com um prego de ouro espetado, exactamente para completar o peso devido, nos pagamentos.

A comunicação do sr. Major Spínola traz deste modo elementos valiosos e novos, para o estudo desenvolvido do fraccionamento intencional das moedas para os pagamentos.

Falaram depois o sr. Comandante Alfredo Motta, que considerou como seria interessante a divulgação de todas as observações aduzidas nesta Sessão; e o sr. Major Spínola, que lamentou que muitos achados arqueológicos escapassem à fiscalização do Estado, e propôs o estudo de uma reforma legislativa que dispuzesse os achadores a participarem os achados.

Concordando, o sr. Presidente nomeou desde logo uma Comissão, composta pelos srs. Major Spínola, Eng.º Ferraro Vaz, e Dr. Rocha Souto encarregada de elaborar um Relatório acerca do regime jurídico mais conveniente para os achados arqueológicos.

DE 15 DE FEVEREIRO DE 1955

Esta Sessão foi presidida pelo sr. Eng.º Raul da Costa Couvreur, e secretariada pelo sr. Major Ismael Joaquim Spínola.

Nela usou da palavra em primeiro lugar o sr. Presidente, que proferiu uma Comunicação, acerca de «D. João V, e a instituição do Patriarcado».

Começando por indicar que a bibliografia numismática nacional se compõe, fundamentalmente, dos trabalhos de Manuel Sabino de Faria, de D. António Caetano de Sousa, com a sua «História Genealógica da Casa Real», de Lopes Fernandes, de Teixeira de Aragão, e do trabalho do sr. Eng.º Ferraro Vaz, o sr. Presidente mostrou como actualmente os trabalhos numismáticos, dada a profundidade e a extensão dos estudos referidos, vem incidindo, mais concretamente, sobre os pormenores e problemas não resolvidos por aqueles autores.

Assim, um dos pontos abordados e não resolvidos por Teixeira de Aragão, foi o de saber se D. João V, nas suas relações com Roma, e no que se refere à instituição do Patriarcado de Lisboa, teria ou não oferecido ao Papa, como presente régio, determinadas moedas de ouro, com a effigie do monarca, e de peso e aspecto fora do comum.

Quanto ao tamanho, sabe-se, por exemplo, que Filipe III chegou a mandar cunhar moedas de ouro com mais de 300 grs. de peso, para oferecer a quem entendia.

Porém, dado que, actualmente, a peça mais antiga que se conhece com o retrato do Rei é de 1722, e que, à data da instituição do Patriarcado, a moeda corrente conhecida ostentava, numa das faces, as Armas do Reino, e na outra a Cruz de Cristo — é de pensar que tais exemplares de ouro não existiram como moedas.

Ainda que algum de tais exemplares aperecesse um dia, portanto, — e nada se lhes refere nos arquivos da Santa Sé, nem existe tão pouco nenhum deles no respectivo Museu — seria, verdadeiramente, uma medalha, e não uma moeda, visto que se não destinava sequer a entrar na circulação monetária, e antes se cunhara para constituir uma recordação particular do Monarca para com a pessoa do Papa.

Concluindo a sua brilhante Comunicação, o sr. Eng.º Raul da Costa Couvreur mostrou ainda como é de admitir a hipótese, que já anteriormente referira numa Conferência proferida na Academia Portuguesa de História, e dados os fatos expostos, de a oferta real ter sido constituída pura e simplesmente por barras de ouro, sem o carácter de moedas nem de medalhas, e apenas com qualquer indicação de origem gravada, que tivessem sido utilizadas pelo Papa, sem a preocupação da conservação de qualquer exemplar, pela ausência de valor artístico.

Por último, a Comissão deliberou congratular-se, junto das instâncias oficiais, e por intermédio da Associação dos Arqueólogos Portugueses, a que pertence, pelo facto de o Estado haver seguido a classificação e o Parecer emanados da mesma Comissão por iniciativa do sr. Dr. Eduardo Neves, acerca do famoso morabitino de D. Sancho II, que acaba de ser adquirido para o Museu Numismático Português.

DE 15 DE MARÇO DE 1955

Esta sessão foi presidida pelo sr. Eng.º Raul da Costa Couvreur, secretariada pelo sr. Major Ismael Joaquim Spínola e nela usou da palavra o sr. Eng.º Joaquim Ferraro Vaz que proferiu uma comunicação intitulada «Preço de Amoeção e valor intrínseco dos dinheiros».

(Vai publicada noutro lugar deste número)

DADOS ESTATÍSTICOS DA CASA DA MOEDA

Não foi possível desta vez obter directamente do Estabelecimento emissor de moeda os dados estatísticos referentes à cunhagem durante o ano de 1954.

Por ter solicitado a sua aposentação deixou de ali prestar serviço o ilustre Administrador e nosso prezado consócio, Ex.^{mo} Sr. Tenente-coronel José João da Cruz Azevedo, pessoa que sempre encontramos amavelmente disposta a atender-nos e auxiliar-nos.

Os elementos que adiante apresentamos foram obtidos por amável obséquio do Ex.^{mo} Sr. Director do Instituto Nacional de Estatística, a quem a S. P. N. endereçou, oficialmente, a solicitação.

METRÓPOLE

1954

Designação das moedas	MOEDA CUNHADA		MOEDA EMITIDA	
	Quantidade	Valor	Quantidade	Valor
Prata:				
De 20\$00	1.000.000	20.000.000\$00	1.000.000	20.000.000\$00
De 10\$00	5.764.350	57.643.500\$00	5.758.350	57.583.500\$00
Alpaca:				
De 1\$00	—	—	135.000	135.000\$00
De \$50	—	—	351.000	175.500\$00
Bronze:				
De \$20	—	—	2.640.000	528.000\$00
De \$10	2.452.200	245.220\$00	3.800.000	380.000\$00
Totais:	9.216.550	75.888.720\$00	13.684.350	78.802.000\$00

IMPÉRIO ULTRAMARINO

Designação	MOEDA CUNHADA		MOEDA ENTREGUE AO MINISTÉRIO DO ULTRAMAR	
	Quantidades	Valor	Quantidades	Valor
ANGOLA (Bronze) \$50	11.711.150	5.855.575\$00	11.718.000	5.859.000\$00
ÍNDIA (Alpaca) 1 rupia	132.000	924.000\$00	—	—
MOCAMBIQUE (Prata) 10\$00	1.335.500	13.351.500\$00	1.332.000	13.320.000\$00
paca) 2\$50	6.611.200	16.528.000\$00	6.608.000	16.520.000\$00
Soma	7.946.700	29.879.500\$00	7.940.000	29.840.000\$00
Total	19.789.850	36.639.075\$00	19.658.000	35.699.000\$00

NOVAS MEDALHAS

1 — MEDALHA COMEMORATIVA DO «CENTÉSIMO QUINQUAGÉSIMO ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DA SECRETARIA DOS NEGÓCIOS DA FAZENDA». 1801-1951.

A primeira medalha, que hoje aqui damos à estampa, é a comemorativa do «Centésimo Quinquagésimo Aniversário da Fundação da Secretaria dos Negócios da Fazenda».

Do consagrado escultor português João da Silva, sem sombra de dúvida o mais fecundo medalheiro lusitano de todos os tempos, cujos trabalhos impressionam por um classicismo de inexcedível precisão mas, ainda assim mesmo, de marcada individualidade, esta medalha destaca-se pelo desenho primoroso, estudo e composição.

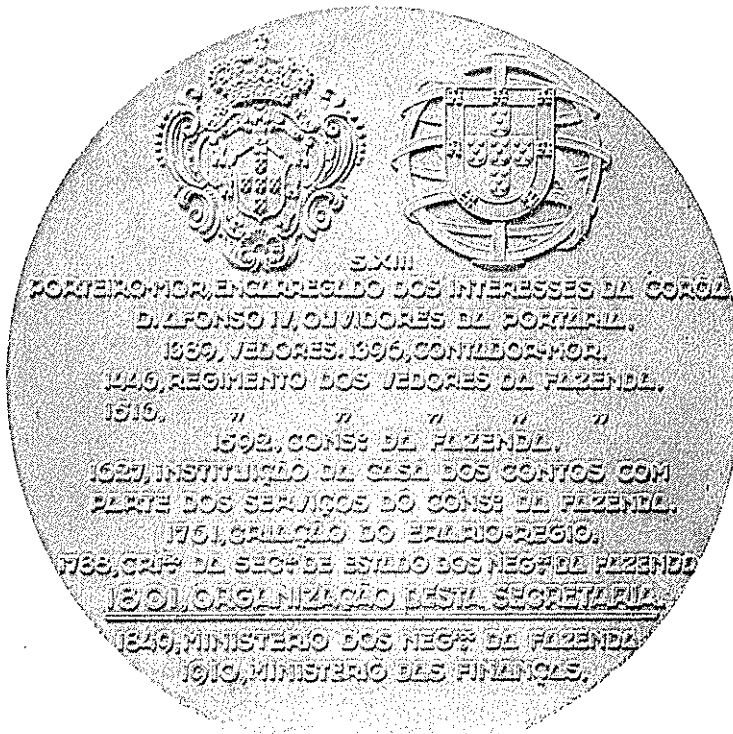
No anverso, numa bem imaginada alegoria, um grupo de figuras femininas panejadas à antiga preenche uma nau que voga serenamente em bonançoso mar. A nau simboliza o Estado. Reclinada à proa vê-se a Fortuna com a cornucópia da abundância e aos pés uma caixa com pergaminhos e papeis de Estado. À ré, dominando todo o conjunto, coroada de diadema e empunhando o ceptro, está a Administração Geral do Estado tendo a seus pés a Vigilância e a Prudência, que cautelosamente asseguram o bom andamento da embarcação.

No reverso imagina-se o calvário que sofreu o insigne escultor para conseguir dar realce medalhístico a semelhante escritura! E todavia, todos aqueles dizeres eram indispensáveis neste documento metálico, e representam um intenso trabalho de investigação histórica com aquela longa resenha evolutiva de datas e títulos da administração pública, durante os últimos sete séculos. Na verdade, apesar da extensão da epígrafe, o reverso libertou-se daquele pesadêlo e os dois símbolos nacionais harmonizam-se magistralmente sobre a aluvião dos letreiros. À esquerda as armas reais de D. Maria I, à direita o actual brasão da Pátria Portuguesa.

Medalha de bela execução, de excelente estudo e perfeito acabamento, adiciona-se à já grandiosa produção do incansável medalheiro que, há cerca de meio século, sem desfalecimentos, projecta e realiza estes pequenos discos de metal, bem merecedores da maior atenção de todos aqueles que se dedicam à arte da medalha em Portugal.

2 — MEDALHA DO OCTOGÉSIMO ANIVERSÁRIO DO ARCEBISPO DA IGREJA EVANGÉLICA LUTHERIANA DA ESTÓNIA.

Amavelmente oferecida pelo «Comité de Medaille d'Arscheveque Johan Kopp», de Stockholm, e destinada ao medalheiro da Sociedade Portuguesa de





2



3



4



Numismática recebemos a medalha, que ilustra também este número, cunhada na Suécia no octogésimo aniversário do Arcebispo da Igreja Evangélica Luteriana da Estónia, 9 de Novembro de 1954.

O Arcebispo Johan Köpp é uma das figuras mais representativas e proeminentes da Estónia. Foi professor de teologia da Universidade de Tartu, desde 1916, ascendendo a seu Rector Magnificus no período de 1929 a 1937.

Eleito, em 1938, Arcebispo da Igreja Evangélica Lutherana da Estónia, refugiou-se desde 1944 na Suécia, por motivo da ocupação daquele país pelas forças militares soviéticas.

Esta medalha, do escultor-medalheiro sueco Gustaf Carell, reproduz no anverso o retrato do homenageado, num estilo clássico, inspirado numa subtil meditação impregnada de magna espiritualidade.

A cabeça voltada à direita destaca-se pela sinceridade documental com que se impõe. A profundidade do olhar, o cavado das faces, a austeridade fisionómica são elementos que denotam o valor do artista.

A legenda bem proporcionada emoldura convenientemente o anverso.

No reverso, abarcando todo o campo, vê-se a fachada principal da Universidade de Tartu de que o Ilustre dignitário foi Rector Magnificus.

Trabalho de grande merecimento artístico dá-nos a medida do valor da produção medalhística sueca, contemporânea.

3 — MEDALHA DA SOCIEDADE IBERO AMERICANA DE ESTUDOS NUMISMÁTICOS, COMEMORATIVA DA II EXPOSIÇÃO NACIONAL DE NUMISMÁTICA E INTERNACIONAL DE MEDALHAS. MADRID — 1951.

Medalha simples, sem características que a salientem da sua missão transmissiva da referida exposição, contém numa das faces o emblema daquela Sociedade, as colunas de Hércules que, como se sabe, durante muito tempo ladearam as armas reais na moedação espanhola. Feliz inspiração que honra sobremaneira a Sociedade Ibero Americana de Estudos Numismáticos com sede em Madrid, organismo de larga projecção internacional, que publica uma boa revista da especialidade, sob a denominação «NVMISMA» conhecida em todo o mundo científico.

4 — MEDALHA DA FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO NUMISMÁTICA ESPANHOLA — MCMLIV.

Eis aqui uma medalha verdadeiramente original, com manifesto desprezo pela forma da arruela e do campo.

No anverso a cabeça de uma ninfa, cópia de uma dracma de Rosas, com o penteado característico e à moda da época, 400 anos a. C. Na orla, so-

bressaindo da pátina verde, a legenda: FUNDACIÓN DE LA ASOCIACIÓN NUMISMÁTICA ESPAÑOLA BARCELONA MCMLIV.

No reverso, uma atlética figura de homem nu, com o joelho esquerdo em terra, cuida da nova chama que se acende. Esta figura plástica, dum medalheiro «d'avant-garde», manifestando o desejo de libertar-se das implacáveis leis da perspectiva, contém uma certa robustez de estilo modernista, que se coaduna, harmoniosamente com o arcaísmo, grego, que desprende a feliz composição.

É talvez uma especulação de arte medalhística, uma rebusca modernista, mas apesar disso, singularmente expressiva e digna de figurar entre as melhores tentativas do género. O patinado artificial das reentrâncias, verde claro, com fluorescência de thornberita, dá ao relevo um aspecto atraente bem relacionado com a figura que ressalta melhor, do fundo escuro do campo.

E à volta, como legenda, em caracteres cuidadosamente estudados o verso de Ovidio:

«...NOVUS ACCENSU FUNGITUR IGNE FOCUS».

Projecto do escultor espanhol Fernando Gomeno honra a medalhística do país vizinho, últimamente reaquecida com novas chamas que refulgem.

ALEXANDRE FERREIRA BARROS



CRUZETAS DE COBRE

Rectificação :

No artigo publicado com esta epígrafe no número anterior de NVMMVS escapou uma gralha que, apesar de poder ser reconhecida com facilidade, convém ser devidamente corrigida.

Diz respeito ao peso da cruzeta (linha 8, de págs. 171) que devia ser de 755 grs. e saiu com a omissão do algarismo das unidades.

VIDA SOCIAL

SOCIEDADE PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA

SÓCIOS EFECTIVOS

Admitidos no quadrimestre Jan.-Abril 1955.

- N.º 178 — Dr. Aurélio Pereira Martins — Econom. e Financ. (Lisboa)
- » 179 — Dr. Alexandre Marques Teixeira — Médico. (Alter do Chão)
 - » 180 — Dr. Benjamim Pereira do Amaral Neto — Notário. (Chamusca)
 - » 181 — José Oliveira de Sousa Nunes — Contabilista. (Lisboa)
 - » 182 — José de Melo Saião — Regente agrícola. (Serpa)
 - » 183 — Francisco Borralho e Silva — Comerciante. (Beja)
 - » 184 — José Rodrigues Mourão Junior — Funcionário público. (Beja)
 - » 185 — Dr. Carlos Pinho Ribeiro — Médico. (Caldas de S. Jorge — Feira)
 - » 186 — José Alves das Neves — Empregado bancário. (Nova Lisboa — Angola)
 - » 187 — Manuel José Marques de Oliveira — Cambista. (Porto)

SÓCIOS QUE PEDIRAM SUSPENSÃO DE EFECTIVIDADE

- N.º 55 — Manuel Paulo Alijó. (Porto)
- » 125 — António da Costa Garcia Ventura. (Porto)
 - » 106 — José Baeta de Carvalho. (Belo Horizonte — Brasil)

Rectificação :

O apelido do sócio efectivo n.º 177 é Valle-Domingues, e não Valle-Domingos como por lapso saiu no n.º 7 de NVMMVS.

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

BAYERISCHEN NUMISMATISCHEN GESELLSCHAFT: *Jahrbuch für Numismatik und Geldgeschichte*.

Band I, 1949 — 176 págs. — XI págs. de estampas.

Recomeçou a publicação do anuário desta conceituada sociedade numismática de Munique, que desde 1882 a 1932 regularmente publicou os consagrados «Mitteilungen».

O primeiro volume da nova série confirma o valor dos estudos anteriormente editados, publicando um extenso e duto ensaio do Prof. Dr. Max Bernhart «Dionysos und seine Familie auf Griechischen Münzen — *Numismatischer Beitrag zur Ikonographie des Dionysos*».

Além pois de destinar 40 págs. ao estudo da representação iconográfica de Dionysos nas moedas gregas, elaborou um prestimoso catálogo dos numismas considerados, a sua bibliografia e os locais onde se encontram.

A obra é completada com a reprodução em fototipia de algumas das espécies catalogadas, a que destina XI folhas de estampas. De lamentar é que as moedas não fossem todas fotografadas sob a mesma incidência de luz — o que possivelmente não foi viável — pelo que algumas parecem, a uma observação mais descuidada, moedas incussas.

Band II, 1950-51 — 148 págs. — VIII págs. de estampas.

Neste outro volume os temas usados são mais variados e a colaboração é fornecida por diversos autores:

- *A Lua nas moedas de Atenas*, por HERMANN SORGE.
- *Sobre a cronologia das moedas de Abdera*, por GERHARD KLEINER.
- *Ácerca dos punções de Tiberio e Germanico*, por KONRAD KRAFT.
- *Matriz-selo, de pasta vítrea, da Alta Idade Média (final do I.º)*, por KONRAD KRAFT.
- *Elmos germânicos nas figurações das moedas visigodas*, por WILHELM REINHART.

Este artigo tem para nós o maior interesse, pelo que vamos providenciar de forma a reproduzi-lo nas nossas páginas, não só como homenagem ao nosso saudoso Consócio, mas para que dele aproveitem os nossos numismatas que por esta época se interessam.

- *Moedas de Carlos Magno, e dos Papas Adriano I e Leão III, com importância histórica para o estudo do direito público e a história da moeda*, elaborado por RICHARD GAETTENS.
- *Subsídios para a história da moeda e dinheiro do Alto Reno*, por FRIEDRICH WIELANDT.
- *Cruz de S. Bento e medalha de S. Bento*, por JÜRGEN SYDOW.

RUSSELL CORTEZ

LUIS PINTO GARCIA: «*Contribuição para o estudo da numismática indo-portuguesa*» e «*Numismática indo-portuguesa*» (traduções).

O Boletim Geral do Ultramar, relativo a Fevereiro e há pouco distribuído, traz, no rol das edições publicadas pela Agência Geral do Ultramar, a nota das obras em epígrafe, mas ainda no prelo.

O assunto, em si; a proficiente competência do nosso consócio Sr. Dr. L. Pinto Garcia; e a maneira como a Agência costuma apresentar as suas excelentes edições, são justo motivo para que se aguarde, com alvoroço, a publicação destas obras.

Logo que sejam distribuídas a elas nos referiremos com o detalhe requerido.

JOSÉ DE BARROS

ENG.º VICENTE FERREIRA: *Estudos Ultramarinos*.

A Agência Geral do Ultramar publicou recentemente um volume com estes *Estudos Ultramarinos*.

Nele se tratam diversos problemas, económicos, financeiros e numismáticos, cujo conhecimento interessa a numismatas e a colecionadores de moedas.

Como é sabido, o autor, grande autoridade na matéria, foi ministro das Finanças e das Colónias, membro do Conselho do Império, alto Comissário em Angola, etc., e, mais que isso, um estudioso, probo e incansável, durante toda a vida. Não admira, pois, que a obra se leia com proveito.

O volume, boa e agradável edição, custa 30\$00.

JOSÉ DE BARROS

KURT PROBER: *História Numismática de Guatemala*. 186 págs. couché, com 21 estampas. — São Paulo, Junho de 1954.

O estudioso e dinâmico investigador numismático do Brasil, Kurt Prober, não contente com os trabalhos que tem apresentado sobre as moedas brasileiras, abalança-se agora a tratar assuntos de paizes vizinhos e presenteia-nos com uma «História Numismática da Guatemala».

Das muitas Repúblicas Centro-Americanas que parece não terem ainda a sua história monetária escrita, foi esta a escolhida por K. Prober, sem que o autor saiba explicar a razão da preferência.

É possível que tenha sido o aparecimento, na sua casa de negócio de moedas, de um fortuito e apreciável conjunto de numismas guatemaltecos, interessantes pelo número ou pela qualidade, que lhe tenha despertado a simpatia, constituindo o núcleo à volta do qual se foi aglutinando a massa, à custa de novas aquisições, da sua veia de investigador, da ânsia de saber e de ser útil, e das faculdades com que Deus o dotou para as coisas da numismática. De qualquer forma o resultado final aí está: um livro publicado que história a evolução da cunhagem de moedas no país, e que praticamente se traduz num Catálogo das moedas da Guatemala.

A sua obra — que ele apresenta como um ensaio — é tanto mais para admirar quanto é certo que não pôde, como confessa, dispor de todas as origens de informação requeridas, como arquivos públicos, bibliotecas e outras fontes de pesquisa do próprio país.

O trabalho está dividido em 7 partes:

- 1.^a — *Resenha histórica*, com 86 págs.
- 2.^a — *Documentação*, 20 págs. com 11 documentos.
- 3.^a — *Catálogo de moedas*, com 10 págs.
- 4.^a — *Medalhas e moedas comemorativas*.
- 5.^a — *Moedas particulares*.
- 6.^a — *Condecorações*.
- 7.^a — *Ilustrações* (gravuras de moedas e outras), 25 págs.

A *Resenha histórica* é a parte mais extensa, aquela em que o autor se espraia, quanto pode e quase dum folego, no descrever cronológico da evolução monetária do país considerado. A sua obra revela bons conhecimentos históricos, apresentados com precisão e clareza, por vezes comentados com apreciações *sui generis*.

A disposição gráfica da matéria exposta, com as características do trabalho em «linotipe» e emprego das enormíssimas maiúsculas em nomes próprios, a destacar-se exageradamente no texto, é que não dá ao livro a graciosidade e leveza que era para desejar.

A parte Catálogo, com a concentração e com o uso dos sinais convencionais tanto do agrado do autor e já empregados noutras suas obras, pode corresponder a um intuito prático, mas não é agradável à vista. Traduzida a vontade do autor por um artista, tipógrafo de categoria, os quadros das 10 páginas tomariam outro aspecto menos pesado e mais interessante.

A parte relativa às ilustrações está bastante bem, com uma tonalidade certa e adequada das fotografias e gravuras.

No conjunto tem de reconhecer-se que se está em presença dum bom trabalho numismático, que honra o autor e coloca de parabens os numismatas da Guatemala.

Pioneiros!... Caminho desbravado...

Está feito o mais difícil.

M. R.

NOTICIÁRIO

D. MARIA DOS PRAZERES DE FARO BARROS

A gravura do homenageado deste volume de NVMMVS — El-Rei D. Luís I — foi obtida dum desenho a lápis para este fim expressa e graciosamente executado pela ilustre pintora portuense, Ex.^{ma} Senhora D. Maria dos Prazeres de Faro Barros.

É já a terceira vez que as páginas do nosso boletim são honradas e valorizadas com trabalhos desta Ex.^{ma} Senhora, pois são também de sua autoria os desenhos de Mestre Teixeira de Aragão e do Dr. Leite de Vasconcelos, que figuram respectivamente nos n.^{os} 1 e 3 do Vol. I.

A Direcção executiva de NVMMVS, penhoradíssima pelas repetidas amabilidades de sua Excelência, não quer perder esta oportunidade de manifestar o grande apreço em que tem os seus dotes artísticos e de dar público testemunho do seu grande reconhecimento.

EMBLEMA DA S. P. N.

Foi já aprovado e executado o modelo do emblema para lapela a usar pelos associados da S. P. N.

Preferiu-se o tipo «alfinete» e, quanto à forma, escolheu-se a pura e simples redução, para 15 mm. de diâmetro, do timbre usado nos cartões de identidade.

O modelo oficial é de ouro de lei e pesa 2,80 gramas, números redondos. O seu custo será muito pouco superior ao valor do metal.

A Direcção da S. P. N. conta oferecer a cada associado um fac-simile em prata dourada. As requisições dos emblemas de ouro poderão ser dirigidas à Secretaria da S. P. N.

MOEDAS DA ÁFRICA ORIENTAL PORTUGUESA

Vai entrar em prelo a obra anunciada com a epígrafe acima, da autoria do nosso prezado Consócio, J. Maria Folgosa.

NOVA TIPOGRAFIA

Officinas Gráficas de «O Primeiro de Janeiro»

Originou grande demora na publicação do presente número de NVMMVS a segunda — e esperamos que definitiva — mudança de tipografia, a que nos obrigou o encerramento da Imprensa Moderna em fins de 1954.

Passou-se agora à composição mecânica e como consequência foram modificados os tipos empregados nos números anteriores. Mas houve o cuidado de escolher outros que não causassem alteração muito sensível no aspecto geral primitivo da Revista.

Conseguidos os ajustamentos necessários torna-se agora mais simples a prossecução, pelo que esperamos poder publicar muito em breve o número seguinte.

CARTÕES DE IDENTIDADE

Mais uma vez vimos insistir com os Ex.^{mos} Srs. associados que ainda não enviaram as suas fotografias, para que o façam quanto antes. É certo que as faltas já são poucas, mas a verdade é que, por culpa delas, ainda não nos foi possível regularizar o ficheiro oficial e a distribuição dos cartões.

CATÁLOGOS DE VENDA DE MOEDAS RECEBIDOS NA S. P. N.

- *Catálogo di monete per Collezione* — Oscar Rinaldi & Figlio — Casteldario, Mantova — Itália.
N.^{os} de Janeiro, Fevereiro Março, e Abril, de 1955.
- *Numismática* — Giuseppe de Falco — Napoli — Itália.
N.^o 28 — Março de 1955.
- *Monete e Medaglie* — Prof. Luigi de Nicola — Roma.
N.^o 1 — Março de 1955.
- *L'occasione* — Ditta A. Stefanachi & F. — San Benedetto Tronto — Itália.
N.^o 5 — Série E — Março de 1955.
- *Catálogo di Monete Antiche* — R. Barzan & Rag. M. Raviola — Turim — Itália.
N.^o 8 — Fevereiro de 1955.
- *Collezione Già del Prof. Angelo Signorelli* — P. & P. Santamaria — Roma.
V parte, e VI parte.
- *Seaby's Coin and Medal Bulletin* — B. A. Seaby, L.^{td} — Londres.
N.^{os} de Janeiro, Fevereiro, Março, e Abril de 1955.
- *Public Coin Auction* — Hans M. F. Schulman — New-York.
Sessões de 18 e 19 de Março de 1955.
- *Coins and Medal* — Jacques Schulman — Amsterdam — Holanda.
Leilão de 14 a 16 de Fevereiro de 1955.

Capas para «NVMMS»

Continua em vigor a tabela de preços já anunciada para a encadernação de cada um dos volumes do boletim:

Capa inteira couro	60\$00
» lombada couro, pasta percalina	50\$00
» inteiro pergamoide	40\$00
» cartonada	30\$00
Empaste	20\$00

Todos os modelos são impressos a dourado na lombada e na pasta. Cores a escolher.

BIBLIOTECA DA S. P. N.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Ofertas dos autores :

De C. H. V. SUTHERLAND :
— *Art in coinage*.

De DR. FERNANDO DE ALMEIDA RIBEIRO :
— *Uma hipótese...*
— *Uma tese...* — Separata de «Coimbra Médica», Vol. VIII — 1941.

De DR. LUÍS PINTO GARCIA :
— *Um numismata alentejano*.
Separata de «A Cidade de Évora», n.º 31-32 — 1953 — 65 págs.

De ALEXANDRE FERREIRA BARROS :
— *Numismática Portuense*. — Separata do «Boletim Cultural» da C. M. P.

Ofertas de particulares :

De DR. ANTÓNIO DO VALLE DOMINGUES :
— *Duas Pátrias* — Revista documentário Luso-Brasileira.
Número dedicado ao IV Centenário da Fundação de São Paulo.

De D. F. XAVIER CALICÓ — Barcelona :
— *Los problemas legales de la amonedación peninsular en la edad antigua*, por D. Jaime Lluís y Navas.

Obtidas por intercâmbio :

De OSCAR RINALDI :
— *Itália Numismática* — Revista mensal.
Ano 4.º — N.ºs de Setembro, Outubro, Novembro, e Dezembro de 1954.
Ano 5.º — N.ºs de Janeiro, Fevereiro, Março, e Abril de 1955.
— *Le monete coniate in Italia dalla Rivoluzione Francese ai nostri giorni*.
Vol. I — Mantova.

De B. A. SEABY, L.^{td} — Londres :
— *Roman Silver Coins* — Vol. II, Part. I — Tiberio a Domiciano.

Da JUNTA DE PROVÍNCIA DO DOURO LITORAL — Porto :
— *Boletim da Comis. Prov. de Etnografia e História*.
Sexta Série, n.ºs V e VI
Sexta Série, n.ºs VII e VIII

Do GABINETE DE HISTÓRIA DA CIDADE — C. M. P. :
— *S. Veríssimo de Paranhos* (Subsídios).
— *Boletim Cultural*.
Vol. XVII — Fasc. 1-2 — 1950.

Da SOCIEDAD IBEROAMERICANA DE ESTUDIOS NUMISMÁTICOS — Madrid :
— *Numisma* (Revista trimestral).
Ano III — 1953 — N.ºs 6, 7, 8 e 9.
Ano IV — 1954 — N.ºs 10, 11, 12 e 13.

Da INSTITUCIÓN «PRINCIPE DE VIANA», de Pamplona — Espanha :
— *Principe de Viana*.
Ano XV (3.º e 4.º trim. de 1954), n.ºs LVI y LVII.